## **MORTE: NOVA DIMENSÃO DA VIDA**

Que a bondade de Deus permaneça com todos, instruindo-os sempre para o bem!

Vida e morte, estágios diferentes para um mesmo espírito, assemelham-se ao trabalho contínuo de Deus, burilando um espírito, até que esse fique exatamente numa única posição: a de vida espiritual.

A morte, que ceifa tantas vidas, colocando tantos corações em processo de angústia, de saudade, de dor, de lágrima e sofrimento, deveria ser encarada, eficazmente, como mais uma transformação, mais uma porta de transformação do espírito humano.

Nós, espíritas, entendemos que a morte nada mais é do que uma passagem para uma nova dimensão. Hoje, quando tantos estão elaborando pensamentos em torno da vida e da morte, repetimos com Jesus: “Vou para o Pai”.

Cada um de nós deve encarar esse fenômeno como o de ida para o mais além, para o mais elevado. Que o ser humano, que o homem em geral, entenda que essa passagem, mostrando a continuidade da existência do espírito, traz uma outra responsabilidade: a responsabilidade de se viver bem para se morrer bem. E mais: que do outro lado seremos exatamente como fomos aqui na Terra. Procuremos, portanto, viver em paz, equilibrados, voltados para o bem e sempre, e sempre, amando ao semelhante. Com isso, estaremos criando, dentro de nós, condições adequadas para uma vida espiritual futura em paz.

Agora, desejamos a todos equilíbrio e confiança, pedindo que se mantenham cada vez mais espíritas, nas palavras, nos atos, onde estiverem.

Lembremo-nos de que a caridade tão falada e propagada deve começar por nós, nos nossos círculos de relações com a família, com os companheiros de trabalho, com os homens do mundo.

Que aprendamos a espalhar o perfume da caridade por onde passarmos!

Que Deus fique conosco agora e sempre! Muita paz!

Hermann

Do livro: Palavras do Coração, vol. 1. CELD Psicofonia: Altivo C. Pamphiro

**Itens do Livro a serem estudados:**

**O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. II – “Meu reino não é deste mundo”, itens 5 a 7**

## **O PONTO DE VISTA**

**5**. A ideia clara e precisa que se faz da vida futura dá uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens, visto que ela muda completamente o ponto de vista sob o qual eles encaram a vida terrestre. Para aquele que, pelo pensamento, se coloca na vida espiritual, que é indefinida, a vida corporal não é mais que uma passagem, uma curta estada em um país ingrato. As vicissitudes e as atribulações da vida não são mais que incidentes que ele recebe com paciência, porque sabe que são de curta duração e devem ser seguidos por um estado mais feliz; a morte nada tem de assustador; não é mais a porta para o nada, mas a porta da liberdade que abre para o desterrado a entrada de uma morada de felicidade e de paz.

Sabendo que está em lugar temporário e não definitivo, ele aceita as inquietações da vida com mais indiferença, e disso resulta, para ele, uma calma de espírito que lhe suaviza a amargura.

Pela simples dúvida que possua sobre a vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrena. Incerto quanto ao futuro, consagra-se ao presente; não entrevendo bens mais preciosos que os da Terra, ele é como a criança que não vê nada além dos seus brinquedos, e para obter esses bens o homem faz de tudo; a perda do menor desses bens é um desgosto profundo; um descontentamento, uma esperança perdida, uma ambição não satisfeita, uma injustiça da qual ele é vítima. A vaidade ou o orgulho ferido são, da mesma forma, tormentos que fazem da sua vida uma angústia sem-fim e assim, voluntariamente, ele se entrega a uma verdadeira tortura de todos os instantes.

Tomando o seu ponto de vista a partir da vida terrena, no centro da qual ele está colocado, tudo ao seu redor toma vastas proporções. O mal que o atinge, assim como o bem dirigido aos outros, tudo adquire, aos seus olhos, uma grande importância. O mesmo ocorre àquele que está dentro de uma cidade, tudo lhe parece grande: os homens que estão em altas posições, assim como os monumentos; porém, tão logo ele alcance o alto de uma montanha, homens e coisas vão lhe parecer bem pequenos.

Assim acontece com aquele que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a humanidade, como as estrelas do firmamento, se perde na imensidão; ele percebe então que grandes e pequenos são confundidos como as formigas sobre um monte de terra; que proletários e soberanos têm o mesmo valor, e lamenta essas criaturas efêmeras que tanto se empenham em conseguir, na vida terrena, um lugar que as eleva tão pouco e que devem conservar por tão pouco tempo. Vemos então que a importância que se dá aos bens terrenos está sempre na razão inversa da fé na vida futura.

**6**. Se todas as pessoas pensassem da mesma forma, com ninguém se ocupando mais das coisas da Terra, pode-se dizer que tudo nela iria correr perigo. No entanto não é assim; o homem busca instintivamente o seu bem-estar, e, mesmo com a certeza de ficar pouco tempo em um lugar, ele ainda quer ali permanecer o melhor ou o menos mal possível; não existe uma só pessoa que, encontrando um espinho sob sua mão, não a retire para não se picar. Ora, a procura do bem-estar força o homem a melhorar todas as coisas, ele é impulsionado pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Ele trabalha, portanto, por necessidade, por gosto e por dever, e, cumprindo os desígnios da Providência que o colocou sobre a Terra para esse fim. Somente aquele que considera o futuro, dedica ao presente uma importância apenas relativa e se consola facilmente dos seus infortúnios, pensando no destino que o aguarda.

Deus, portanto, não condena as satisfações terrenas, mas o abuso dessas satisfações em prejuízo das coisas da alma; é contra esse abuso que se previnem os que aplicam a si mesmos estas palavras de Jesus: “*Meu reino não é deste mundo*”.

Aquele que se identifica com a vida futura é semelhante a um homem rico que perde uma pequena soma sem se comover; o que concentra seus pensamentos na vida terrestre é como um homem pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

**7**. O Espiritismo amplia o pensamento e lhe abre novos horizontes, em lugar dessa visão estreita e mesquinha que o concentra na vida presente, que faz do instante que se passa sobre a Terra a única e frágil base do futuro eterno, o Espiritismo mostra que essa vida é apenas um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador; ele mostra os vínculos que unem todas as existências do mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Ele dá, assim, uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma no momento do nascimento de cada corpo torna todos os seres estranhos uns aos outros. Essa solidariedade das partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável, se apenas considerarmos uma única parte. É essa visão de conjunto que os homens não teriam compreendido no tempo de Cristo, por essa razão o seu conhecimento foi reservado para outros tempos.